

Apresentação

É com imensa alegria e satisfação que estamos lançando o primeiro número da revista *Ágora Filosófica*, em 2023. Este veículo de comunicação é de suma relevância, principalmente, para a comunidade acadêmica, pesquisadores e o público em geral, que buscam conhecimento com qualidade. É com esse objetivo que a revista *Ágora Filosófica* se propõe: publicar exclusivamente artigos, ensaios e resenhas que contribuam para o desenvolvimento do saber no campo filosófico, sobretudo, nas áreas da ética, da fundamentação dos valores humanos, assim como no campo da linguagem, da produção do sentido e da ação, em diálogo permanente com outras áreas do conhecimento, expressando, dessa forma, a natureza interdisciplinar da pesquisa filosófica para uma melhor compreensão da realidade, visando transformá-la a partir da perspectiva humanista.

Contudo, merecem destaque os resultados das pesquisas que neste número estão disponíveis para o leitor poder enriquecer seus conhecimentos e, assim, ampliá-los num processo de enculturação a serviço dos demais.

No primeiro artigo, de Alberto Simonetti, *If Walls Could Talk: Politics, Sound, Otherness*, tem como objetivo favorecer uma reflexão sobre a música numa conotação político-democrática, por ser necessária apresentar uma nova identidade da musicalidade diante de sua utilidade pragmática, desconsiderando seu verdadeiro conteúdo e sentido, onde se deve primar pela liberdade e igualdade entre os humanos.

O segundo, tem como título: *“La dignidad de resistir”: el valor ético-político de la resistencia*, da filósofa argentina, Fabiana Parra. Com muita propriedade, desenvolve uma análise considerando a consciência política, a resistência diante de tantos processos de dominação e exploração do outro. Resistir é condição para enfrentar a discriminação e o preconceito. Dessa forma, superação é a condição que a Filosofia da Libertação impulsiona a uma indignação da exploração para chegar à condição humana da dignidade da pessoa humana.

No terceiro artigo, trata da *“Fides qua e fides quae” no tornar-se cristão de Kierkegaard*, cujo o autor Antonio Juliano, propõe-nos uma reflexão em torno do Cristianismo e, assim, o indivíduo deve fazer um percurso que, supõe uma escalada composta por rupturas, saltos qualitativos e escolhas que refletem

diretamente o estágio existencial no qual se encontra. Faz-se entender a correlação da fé com o pensamento de Kierkegaard. Esse desafio é perceptível numa perspectiva filosófica com o intuito de compreender a transcendência cristã.

Quanto ao quarto trabalho, *Thomas Reid e as Teorias de Ordem Superior da Consciência*, de Gaspar de Souza, traz uma reflexão em que o próprio Thomas Reid propõe um *realismo direto* da mente, sensação e percepção: a mente não tem acesso a representações dos objetos, mas acesso direto a eles. Certamente, seu entendimento acerca da consciência, está em oposição às “teorias das ideias” de Descarte, Locke, Berkeley e Hume. Contudo, podemos destacar a riqueza que esta análise nos apresenta, de um pensador do iluminismo escocês, que, com seu talento reflexivo, foi convidado a substituir Adam Smith na cátedra de Filosofia Moral na Universidade de Glasgow.

Destacamos, também, a relevância reflexiva da quinta reflexão, de Irio Vieira Coutinho, cujo título *A Interpretação Kantiana das Leis de Newton*, nos convida a mergulhar numa discussão entre o filósofo e o físico. Naturalmente, sua relevância encontra-se nas prerrogativas contestatórias de que a discussão kantiana não tem muito sucesso, ao tratar das três leis newtonianas. Ler e tirar suas conclusões, é muito importante para melhor conhecer o pensamento kantiano.

Trazemos ainda uma análise que trata da *Identidade e subjetividade surdas no espaço escolar: fragmentos de uma experiência interventiva*. Esse artigo é o resultado de uma discussão a partir da experiência vivida com crianças, adolescentes e jovens surdos em situações de vulnerabilidade humana.

Por fim, também merece destaque a resenha de Patrícia Silva, do livro *Cântico* de Ayn Rand. A obra é, basicamente, a luta do herói para pensar e agir livremente, em conflito com a ordem governamental totalitária que o oprime.

A autora observa, uma tendência crescente de práticas coletivistas nos EUA; *Cântico*, então, traz um alerta para que haja uma guinada nesse padrão. E o *Cântico* é uma brava afirmação de liberdade, que vai muito além de romances anti-totalitários mais famosos, como *Admirável mundo novo* (1932).

A revista é um convite a leituras de qualidade, portanto, desejamos ótimas reflexões!

Ermano Rodrigues do Nascimento (Editor).